



CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DISCUTINDO A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES¹

*Sonia Maria De Vargas**

*Maria Cecilia de Castello Branco Fantinato***

*Eugenia del Carmen Quilodrán Monteiro****

Resumo

Este trabalho pretende analisar as ações de formação continuada desenvolvidas no Curso de Extensão Universitária em Educação de Jovens e Adultos: uma parceria do Projeto de Educação Juvenil/SME-RJ com a Faculdade de Educação da UFF. O curso, realizado em 2004 ao longo de cinco meses, contemplou 500 professores e gestores do Ensino Fundamental que atuam na EJA, englobando encontros pedagógicos, atividades não-presenciais e minicursos. A proposta político-pedagógica, fruto de construção coletiva, viabilizou maior aprofundamento teórico-metodológico das principais inquietações que perpassam a EJA e suas implicações no currículo: diversidade cultural e desigualdade, culturas juvenis e trabalho.

* Universidade Católica de Petrópolis (UCP), curso de mestrado em Educação. E-mail: smdv_ny@yahoo.com

** Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) E-mail: mcfantinato@terra.com.br

***Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) – Grupo Aleph. E-mail: eugeniadelcarmen@gmail.com

¹Texto apresentado no VIII Seminário de Educação de Jovens e Adultos do 15º Congresso de Leitura do Brasil, Campinas, 2005.

Introdução

Na busca constante pela melhoria da qualidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a formação continuada de professores tem-se constituído em uma das importantes frentes de atuação de entidades públicas e privadas que vêm trabalhando com essa modalidade de ensino, visando oferecer oportunidades educacionais comprometidas com a efetiva construção da cidadania.

Segundo esta perspectiva, o Projeto de Educação de Jovens e Adultos da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (PEJA/SME) vem implementando um conjunto de ações que apontam para a fortificação de uma política de formação de educadores de jovens e adultos, oferecendo, desde 2002, formação continuada aos professores que atuam na educação de jovens e adultos como uma prioridade.

A primeira entre várias outras iniciativas constitui-se no 1º Curso de Extensão em Educação de Jovens e Adultos, realizado em 2002, em parceria com a PUC-RJ, visando à construção de uma identidade própria para a área e para os profissionais da educação de jovens e adultos. Destacaram-se também nesse período o Ciclo de Centro de Estudos, em 2003, que priorizou o estudo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (Parecer 11/2000 CNE/CEB).

Já em 2004, o PEJA, em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Fundação Euclides da Cunha, estava empenhado na realização do 2º “Curso de Extensão Universitária para os Professores da Educação de Jovens e Adultos: A educação de jovens e adultos no século XXI – do compromisso com a educação permanente à emergência da educação reparadora”, que visou à formação continuada de 500 professores e gestores do Ensino Fundamental. As atividades pedagógicas totalizaram 100 horas e englobaram encontros pedagógicos, atividades não-presenciais e minicursos.

A escolha da Universidade Federal Fluminense como instituição parceira baseou-se no fato de esta ter uma sólida experiência acumulada em EJA que pode ser exemplificada no curso de especialização “Formação do Educador de Jovens e Adultos Trabalhadores” e nas inúmeras pesquisas que vêm sendo produzidas em áreas relacionadas à EJA, como Trabalho e Educação, Movimentos Sociais e Políticas Públicas, Juventude, Formação de Professores, entre outras.

Entendemos a extensão como uma das funções básicas da Universidade que proporciona, por meio de ações sistematizadas, a interação com a comunidade, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento desta comunidade. A extensão possibilita a construção de conhecimentos, saberes e experiências, que possam fornecer elementos para a avaliação do ensino e da pesquisa.

Nesse sentido, a proposta do 2º Curso de Extensão Universitária foi construída em conjunto com os professores dinamizadores, professores da UFF e

representantes do PEJA, procurando-se viabilizar um maior aprofundamento teórico-metodológico, por meio da seleção de temáticas e estratégias que contempassem as principais inquietações que perpassam atualmente a EJA, tais como as abordagens críticas sobre diversidade cultural, culturas juvenis, trabalho e suas implicações para a formulação de propostas curriculares. Objetivou-se ainda contribuir para uma melhor compreensão dos espaços de atuação político-pedagógica dos profissionais da EJA no processo de inclusão social desses jovens e adultos, garantindo o acesso ao conhecimento historicamente acumulado e possibilitando também a construção de novos saberes.

Acreditamos que do diálogo Universidade-Escola Pública e dos desafios experienciados no processo de concretização do curso podem surgir novas formas de cooperação, na pesquisa e no ensino, que concretamente venham a beneficiar os atores engajados nesse processo educacional – professores/pesquisadores/alunos/gestores.

O presente texto visa apresentar uma síntese das propostas efetivadas, das reflexões realizadas e dos ganhos obtidos com a realização do curso. Para tal, inicialmente apresentaremos como foi construída a estrutura do 2º Curso de Extensão Universitária para os Professores da Educação de Jovens e Adultos, analisando em que medida tal organização contribuiu para o seu êxito. Em seguida, desenvolveremos os três eixos de discussão teórico-prática do curso (Diversidade Cultural e EJA, Juventude e EJA, Trabalho e EJA), justificando sua pertinência num processo de formação continuada de profissionais da educação de jovens e adultos. Por último, apontaremos caminhos para a continuidade do trabalho de formação continuada no PEJA, algumas delas já sendo trilhadas em ações atuais.

A estrutura do curso

O 2º Curso de Extensão Universitária para os Professores da Educação de Jovens e Adultos do PEJA representou uma experiência educacional arquitetada sobre ações coletivas que se abrem à inclusão, à partilha, à reflexão e que integrou 500 professores, buscando construir novos sentidos para a prática pedagógica na EJA. O curso foi oferecido em diferentes bairros do município de Rio de Janeiro, onde se localizaram os 20 pólos de formação (Anexo 1), possibilitando a realização dos encontros pedagógicos próximo aos locais de trabalho. Procurou-se ainda contemplar as especificidades dos grupos de diretores, orientadores pedagógicos e professores, planejando os encontros em diferentes horários e dias da semana.

Nesta experiência, o exercício da reflexão conjunta foi fundamental para a construção metodológica que se desdobrou na estrutura do curso. Partindo de levantamentos de indicativos para a elaboração da proposta político-pedagógica, foram analisados relatórios, avaliações e produções de atividades não-presenciais, feitos pelos professores do PEJA, em cursos de formação ministrados em anos anteriores. Tal metodologia de ação permitiu às equipes do PEJA, UFF e professores dinamizadores observar as demandas do corpo docente e desenhar os eixos do trabalho pedagógico.

As reuniões de planejamento e avaliação acompanharam todo o processo de gestão e desenvolvimento do curso. Estas reuniões pedagógicas foram essenciais para a constituição do coletivo dos professores dinamizadores e a reflexão constante mantida no processo, garantindo a continuidade necessária entre as temáticas dos eixos.

Nesse movimento, a formação dos professores começou pela própria formação dos dinamizadores que colocaram em prática o que Antonio Fagundes (1985, p. 48) afirmava: “[...] a primeira coisa que aquele que ensina deveria aprender é saber perguntar. [...] A origem do conhecimento está na pergunta ou nas perguntas, ou no ato mesmo de perguntar.” Os dinamizadores praticaram o hábito de interrogar, de ler e de debater as questões colocadas pelos professores do PEJA em cursos anteriores, como também praticaram a discussão de textos, identificando o que não se conhecia, para optar coletivamente pelos textos que seriam discutidos posteriormente no Curso de Extensão. Dessa forma, foi possível identificar claramente três temas organizadores dos debates: Diversidade Cultural, Juventude e Trabalho, que serão discutidos mais adiante.

O curso buscou também contribuir para o redimensionamento do trabalho pedagógico dos professores do PEJA, que vinham manifestando necessidade de reflexão teórica sobre temas específicos, reivindicados nas avaliações de cursos anteriores. Neste sentido, foi aberta outra forma de acessar temas pedagógicos específicos e conhecimentos produzidos nas linhas de pesquisa da UFF. O canal de interlocução foi aberto por meio dos 17 minicursos (Anexo 2) que aconteceram na própria Universidade ao longo do processo, visando criar espaços de diálogo entre professores do PEJA, docentes da UFF e o próprio espaço universitário.

O aprofundamento teórico-metodológico dos professores do PEJA sobre os eixos temáticos foi possibilitado, também, mediante as atividades não-presenciais, que contribuíram para o movimento de análise, reflexão e registro da prática pedagógica, instando os professores cursistas a interagirem com seus pares e também com seus alunos, coordenadores e diretores.

Uma das características do curso de extensão foi ter contado com a participação expressiva de diretores de escolas que possuem o segmento PEJA, produzindo-se o que Sonia De Vargas (2004)¹ chama de “diálogo entre a gestão e o campo pedagógico”. Para estes gestores escolares, acostumados à administração escolar do ensino regular, o PEJA representa uma questão nova em termos de conteúdos, saberes e características dos alunos. Assim, a possibilidade de acessar temáticas e autores que os professores cursistas estavam discutindo permitiu um mergulho nas questões que estão perpassando o ensino-aprendizagem e a gestão do PEJA, aprofundando a compreensão do campo da EJA.

¹ In: Colóquio, SMERJ-PEJA.

As elaborações dos cursistas, tanto nos encontros pedagógicos como nos minicursos, foram socializadas numa grande exposição realizada pelos 20 pólos, no seminário de encerramento, que contou com a participação de todos gestores, dinamizadores, professores e cursistas do curso de extensão.

Eixos de discussão teórico-prática do curso

Da ação pedagógica reflexiva sobre as demandas apresentadas pelos professores questões como diversidade cultural, juventude e trabalho foram recorrentes nos cursos anteriores, tendo se constituído nos Eixos de Discussão do Curso, que procuraram articular essas temáticas com a discussão sobre currículo em EJA, reivindicada pelos docentes.

Dessa forma, no Eixo 1, referente à Diversidade cultural e EJA, procuramos discutir as relações entre diversidade cultural e direitos humanos, evidenciando as tensões existentes entre diversidades culturais e desigualdades. Esta perspectiva possibilitou destacar que as questões das diferenças se apresentam não apenas no grupo de estudantes e seus familiares, mas também nos grupos de professores, gestores e funcionários das escolas. Compreender como todos estes atores se representam, como se identificam e como se articulam tornou-se essencial no desenvolvimento do trabalho que procurou repensar as bases teórico-metodológicas da atividade docente e a elaboração de proposta político-pedagógica em EJA que esteja compromissada com a formação de cidadãos críticos e transformadores.

Vários dinamizadores iniciaram a reflexão sobre este eixo propondo dinâmicas que permitissem desvelar as representações dos professores sobre as concepções de cultura por eles trazidas. No aprofundamento desta reflexão, recorreu-se ao texto "Reflexões sobre multiculturalismo na escola e na formação docente", de Canen e Moreira (2001), buscando enriquecer o debate com a análise das concepções de cultura ao longo do tempo, e como várias delas aparecem em nossas representações.

Neste contexto, enveredamos pela discussão das diferenças culturais e percebemos as múltiplas identidades que construímos ao longo dos anos com base nas nossas experiências com outros grupos – identidades globais/nacionais/regionais/locais. Analisamos três processos presentes na sociedade contemporânea – a globalização, a fragmentação e a exclusão, com ênfase na realidade do PEJ. Quais são as necessidades e interesses do aluno e do professor do PEJ? Onde moram? Como vivem? Quais são os afetos e objetivos? Quem é esse jovem/ adulto/ idoso que procura o PEJ? Buscando nas diferenças referenciais importantes, para que de posse desses elementos possamos compreender as escolhas, os comportamentos, os sentimentos dos grupos (Relatório Pólo 5).

No exercício de percebermos a complexidade que envolve as questões sobre diversidade cultural, sentimos necessidade de explicitar o que entendemos por cultura. Percebida como prática social, a cultura é compartilhada pelos indivíduos

de um grupo determinado e se expressa na capacidade coletiva de dar significados a suas ações e ao mundo que os cerca. Não se refere a um fenômeno individual, devendo ser entendida como processo e produto do modo de vida global de uma sociedade (WILLIAMS, 1977, 2000).

Nesse sentido, cultura deveria ser considerada como: “[...] o conjunto específico de características espirituais e materiais, intelectuais e afetivas, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social, e que abrange, além das artes e das letras, estilos de vida, formas de vida comunitária, sistemas de valores, tradições e crenças” (UNESCO, 2001).

Um dos desafios do trabalho com a EJA, apontado pelos professores, refere-se às múltiplas identidades desses sujeitos, caracterizadas pela heterogeneidade quanto à idade, local de origem, religião, formas de inserção no mercado de trabalho, experiência profissional, escolaridade etc, reforçando a importância de que as discussões sobre essas diferenças sejam pensadas levando-se em consideração as situações de exclusão e desigualdade social vivenciadas pelo grupo.

Paulo Freire trouxe elementos importantes, quando se refere ao cultivo da tolerância, que não é convivência, mas a possibilidade da convivência com os diferentes e continua seu testemunho dizendo “que acredita numa educação que respeita profundamente a unidade, a integridade cultural, a identidade cultural do aluno, e que por isso mesmo é a educação que respeita os conhecimentos com que o aluno chega à escola” (Relatório Pólo 10).

Sabe-se que estudantes dos cursos de EJA

[...] construíram seus conhecimentos no movimento das suas relações familiares, do mundo do trabalho, da vida social, dos grupos religiosos e políticos, entre outros, constituindo um amplo espectro de tipos de interação, onde os saberes divididos se estendem a todos os aspectos de seus modos de vida (DE VARGAS, 2003, p. 115).

Nesse sentido, merece ser repensada uma metodologia de ensino-aprendizagem que valorize os conhecimentos adquiridos anteriormente, articulando os saberes escolares e os não-escolares, numa perspectiva que contemple a pluralidade cultural e articule dialogicamente o singular e o universal como possibilidade de realização de uma maior coesão social.

Dessa forma, a compreensão desta realidade plural é fundamental também para a atuação pedagógica do professor e a intervenção que ele fará no sentido de facilitar a relação entre os alunos e deles com o conhecimento, visando à aprendizagem de qualidade, na tentativa de superação de preconceitos e discriminações que têm marcado a experiência desses jovens e adultos com a escola (UNESCO, 2001).

Nesta ordem de raciocínio, reafirmamos nossas reflexões anteriores de que o que os assemelha é a *negação ao direito* à escolaridade na idade própria. Essa discussão pode ser resumida na seguinte afirmação: “Temos o direito de ser iguais

sempre que a diferença nos inferioriza, assim como temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza” (SANTOS, 1999, p. 45)

No Eixo 2 do processo de formação, procuramos abordar o tema Juventude e EJA que representou diversos aspectos ao mesmo tempo: atender a uma demanda, responder a um desafio e levantar novas questões.

A juvenilização das salas de aula da Educação de Jovens e Adultos não é fenômeno recente. De Vargas (1984) já apontava indícios de uma tendência, desde os finais da década de 1970, dos cursos supletivos noturnos passarem a receber não apenas os adultos que se encontravam afastados da escola havia muitos anos, ou aqueles que nunca a haviam freqüentado, mas também jovens, cada vez mais jovens, oriundos do sistema regular de ensino. Desde então, este processo só veio a crescer, fruto de evasão e/ou repetência de jovens do sistema regular, ou devido à necessidade de entrada precoce no mercado de trabalho. “No Brasil de hoje, qualquer educador da EJA – professores, pesquisadores, profissionais da educação etc. – há de se deparar com a juventude, presença marcante nas salas de aula, particularmente das escolas noturnas dos grandes centros urbanos” (ANDRADE, 2004, p. 45).

A presença dessa juventude na EJA muda o perfil das salas de aula e traz novos desafios teórico-metodológicos aos educadores desta modalidade de ensino. Na mesma sala de aula, encontram-se: educandos de 15 a 70 anos; pessoas com vasta experiência no mercado de trabalho e aqueles que nunca exerceram qualquer atividade profissional; pessoas de diferentes origens geográficas brasileiras. Logo, a questão da juventude na EJA está intimamente associada ao eixo da diversidade cultural.

Conseqüentemente, não seria de se estranhar que a demanda por uma reflexão aprofundada sobre o tema da juventude na EJA viesse sendo explicitada pelos professores do PEJA em processos de formação anteriores. Abordar temáticas como as “Culturas juvenis e os direitos humanos”, “Juventude e novos processos de trabalho” e “Juventude, construção de saberes e currículo” tornava-se imperativo naquele momento.

O trabalho realizado nos 20 pólos, durante este eixo temático, teve uma característica em comum: o interesse pelas discussões e a curiosidade pelo *novo*. Com efeito, o tema da juventude havia sido pouco explorado em cursos anteriores. Cabia a toda equipe a responsabilidade de abordar questões que levassem a um efetivo avanço, e não à mera constatação da realidade juvenil na EJA. Os textos de discussão, assim como as atividades desenvolvidas, estimularam um processo de reconhecimento das múltiplas identidades juvenis (CARRANO, 2000), para além dos estereótipos.

No cenário atual, a sociedade costuma ver a juventude de forma preconceituosa, como sinônimo de problema. Os meios de comunicação têm sido responsáveis pela disseminação das imagens de juventude que hoje se apresentam. Novelas, propagandas e noticiários veiculam representações controversas e

contraditórias de juventude. Ora os jovens se apresentam como consumidores ideais, bonitos e alegres, ora são associados a comportamentos de risco e situações de violência. No entanto, estes são estereótipos que não dão conta da diversidade de experiências da juventude brasileira.

Ao pensar o tema a partir da juventude de cada um e assim aproximar-se das múltiplas juventudes presentes em nossa sociedade, alguns dinamizadores desenvolveram atividades com o objetivo de levar a um mergulho no universo jovem, a partir de uma reflexão sobre os momentos de continuidade e ruptura nas experiências de juventude dos próprios cursistas. Um dinamizador assim relata o processo vivido em seu pólo:

Ao final, ficou a sensação de que não podemos falar de juventude hoje sem levar em conta que ela é fruto de um processo pelo qual nós também passamos e aí encontramos vários pontos em comum: quem disse que não havia o *ficar* há 20 anos atrás? Fulano *ficava* com ciclana, só não se chamava esse breve relacionamento de *ficar*. Talvez as *perspectivas de futuro* fossem diferentes, em função do contexto político-econômico daquele momento, mas para a juventude da classe trabalhadora a luta pela sobrevivência sempre se iniciou muito cedo. Constatamos, inclusive, que aqueles jovens [do passado], que abandonaram a escola para trabalhar, constituem muitos dos nossos alunos da EJA hoje (Relatório Pólo 8).

Procurando aprofundar e discutir diferentes representações de culturas juvenis, os dinamizadores do curso estimularam professores cursistas a realizar pesquisas junto a seus alunos, buscando caracterizar os grupos com os quais trabalhavam. Este movimento permitiu a identificação de diversidade cultural entre os próprios jovens, assim como mobilizou a expressão de divergências entre os cursistas quanto às suas representações de juventude. Uma dinamizadora explica em seu relatório final:

Acho que o conteúdo do Eixo 2 possibilitou a manifestação destas divergências, até esse momento não tão evidentes. Também permitiu a expressão de outras questões, vinculadas às condições de trabalho dos professores, que não resistiram a comparar as situações de vida dos seus alunos jovens com as suas próprias. Nesse sentido, o texto "Jovens pobres e a cidade" [CASSAB, 2001] foi crucial. (Relatório Pólo 15).

Como no processo de descobrir é preciso relacionar-se, o sentimento e a emoção sempre estão presentes em qualquer situação de pesquisa. "O pesquisador também se transforma: usando o *outro* como um espelho, passa também a se enxergar diferente" (FANTINATO, 2003, p. 53). Assim, à medida que a discussão do tema juventude aconteceu com muita referência à prática e à realidade dos professores, estes passaram a se identificar com seus educandos jovens, enxergando-se mais próximos dos mesmos do que haviam suposto anteriormente.

As reflexões desenvolvidas no trabalho com este eixo motivaram os professores do PEJA a organizar e estimular, em suas turmas, diversas expressões culturais de seus alunos jovens, com a exploração de múltiplas linguagens, como dança,

teatro, música e desenho. O trabalho com textos que abordam a temática do *funk* (SOUTO, 2003) a partir de diferentes pontos de vista, ou a análise da dura realidade de sobrevivência dos jovens na cidade (CASSAB, 2001) auxiliaram no reconhecimento de que apenas os aspectos negativos são enfatizados nas representações sobre a juventude pobre, e que é necessário dar espaço para as manifestações juvenis nas escolas, resgatando seus aspectos positivos.

No Eixo 3 foram priorizadas as relações entre trabalho e EJA, a partir da percepção de que a problemática do trabalho sempre esteve presente na EJA, trazida pelas experiências e vivências dos alunos trabalhadores.

Nesse sentido, procurou-se analisar criticamente as relações entre trabalho, globalização e exclusão, identificando os saberes não escolares construídos pelos alunos nas experiências sociais do trabalho, e a importância destes na elaboração de propostas curriculares significativas e de qualidade para a EJA, numa perspectiva de inclusão.

Procurou-se analisar o conceito de trabalho numa perspectiva ontológica, como algo necessário à existência humana, referente à ação do homem com a natureza e com os outros homens – transformando ao mesmo tempo a natureza e a si próprio – algo que produz cultura, no seu sentido amplo. Portanto, não pode ser considerado de forma restrita às expressões atuais de emprego e subemprego, ao trabalho alienado, nem referir-se apenas às precárias atividades de subsistência.

A discussão do texto de Frigotto (2002) “Trabalho, conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos” possibilitou aprofundar a reflexão sobre as relações existentes entre trabalho e emprego.

Ao enfatizar o mundo do trabalho, na sua historicidade, como relação social fundamental que não se reduz à ocupação, tarefa, emprego, mas que não os exclui, e que abarca o conjunto de relações produtivas, culturais, lúdicas etc., estou querendo sinalizar que aí se situa o *locus* da unidade teoria e prática, [...] ponto de partida e de chegada das ações educativas que [...] interessam à luta hegemônica das classes populares (FRIGOTTO, 2002, p. 24).

Parece que ainda está muito presente nas discussões a complexidade que envolve o tema trabalho em EJA, uma vez que a perspectiva da Teoria do Capital Humano imprimiu marcas significativas no imaginário daqueles que trabalham com a área, levando-os à defesa veemente da existência de vinculação direta entre elevação de escolaridade e obtenção de emprego ou aumento de renda.

Enquanto a maioria discutiu o texto de forma a perceber que a educação, por si só, não pode propiciar aquilo que o capitalismo não gera em sua atual fase de acumulação, por isso o desemprego é estrutural. Também discutimos que o conceito de trabalho e de educação defendido pelo autor [GAUDÊNCIO, 2002] ainda é pouco conhecido pelos alunos e professores e que, na maioria das vezes, a escola não trata da relação trabalho e educação, a partir desses conceitos, mas ao contrário, o faz de forma estreita, ao associar escolarização e mercado de trabalho, numa visão economicista da educação (Relatório Pólo 2).

A complexidade dessas relações conduz à demanda pelo ensino profissionalizante que muitas vezes precisamos enfrentar nos cursos de formação de professores de EJA. São inevitáveis e recorrentes interrogações sobre “como contribuir para que esses alunos tenham uma melhor inserção no mundo do trabalho?”.

Outros aspectos levantados referem-se à situação profissional dos professores (desvalorização, nas condições de trabalho) e à relação com os alunos trabalhadores (qual o papel da escola de Ensino Fundamental):

A idéia que perpassou e marcou todo o curso foi a visão da educação como um direito e dos alunos como sujeitos de direitos. Direito dos diferentes à expressão e à convivência. Direito dos jovens ao respeito, à construção da identidade e a um espaço de participação e criação. Direito dos trabalhadores a uma formação geral que lhes permita construir sua identidade (Relatório Pólo 6).

Considerações finais

Visando satisfazer às necessidades de formação continuada de professores do PEJA, o 2º Curso de Extensão Universitária para os professores da Educação de Jovens e Adultos UFF-FEC/SMERJ-PEJ/FNDE foi pautado em três eixos temáticos, identificados a partir de demandas e reivindicações dos próprios professores em processos formativos anteriores, evidenciando-se, assim, o protagonismo dos mesmos na elaboração de uma proposta de trabalho voltada para a realidade e especificidade da EJA. Com tal propósito, foram levantados coletivamente pela equipe de coordenadores e dinamizadores os temas Diversidade cultural e EJA, Juventude e EJA, Trabalho e EJA, atravessados tangencialmente, ao longo do curso, pela discussão sobre construção de saberes e currículo na EJA.

Os encontros semanais nos pólos permitiram espaços de reflexão contínua e troca entre pessoas de diferentes formações e práticas profissionais dentro do PEJA. Na intencionalidade de ampliar os ganhos e atender às necessidades específicas de formação, os 17 minicursos, realizados no *campus* da UFF, aproximaram os professores por área de atuação. Tais minicursos representaram significativos momentos de diálogo e troca entre os professores da EJA do município do Rio de Janeiro, os professores da universidade e as pesquisas que estão sendo produzidas, experimentando-se, assim, uma outra lógica de educação continuada, que privilegia o professor como sujeito ativo de sua formação. O seminário de encerramento do curso refletiu o tom que perpassou todo o processo – o compartilhar –, materializado nos ganhos oriundos de aprendizagens recíprocas entre equipe coordenadora, professores dinamizadores, professores de minicurso e professores cursistas, socializados na exposição realizada durante o seminário.

Vale ressaltar ainda o processo de continuidade na reflexão das questões trazidas pelo curso. O desejo dos professores em continuar refletindo sobre a relação teoria-prática na docência de EJA materializou-se, em alguns pólos, pela continuidade das discussões em reuniões de estudo, em que se engajaram os pro-

fessores dinamizadores e professores do PEJA para discutir, analisar e socializar as suas elaborações. Ocorreu também o crescimento na busca de cursos de especialização e mestrado pelos professores do PEJA.

Referências

- ANDRADE, Eliane. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: OLIVEIRA, I.; PAIVA, J. (Org.). *Educação de jovens e adultos*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004. p. 43-54.
- BRANDÃO, Marisa. Educação básica de jovens e adultos e trabalho. *Alfabetização e Cidadania*, São Paulo, n. 8, p.11-19, fev.1999.
- CANEN, Ana; MOREIRA, Antônio Flávio. Reflexões sobre o Multiculturalismo na escola e na formação docente. In: CANEN, Ana; MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). *Ênfases e omissões no currículo*. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 15-43.
- CARRANO, Paulo C. R. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Revista Movimento*, Niterói, n.1, p.11-27, maio 2000.
- CASSAB, Maria A. T. Jovens pobres e a cidade: a construção da subjetividade na desigualdade. In: CASTRO, Lucia R. (Org.) *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Ed. FAPERJ, 2001. p. 209-226.
- COIMBRA, Cecília M.B. Jovens pobres: o mito da periculosidade. In: FRAGA, Paulo C.P.; IULIANELLI, Jorge A.S. (Org.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.19-37.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. *Parecer CEB 11/2000: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*. Conselho Nacional de Educação, 2000.
- DAYRELL, Juarez Tarcisio. Educação do aluno-trabalhador: uma abordagem alternativa. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.15, p.21-29, jun. 1992.
- DE VARGAS, Sonia Maria. A atuação do Departamento de Ensino Supletivo do MEC no período 1973-79. Dissertação (Mestrado)- PUC, Rio de Janeiro, 1984.
- _____. Migração, diversidade cultural e educação de jovens e adultos no Brasil. *Educação e Realidade*, [S.l.], v. 28, n. 1, p. 113-131, 2003.
- _____; FÁVERO, Osmar; RUMMERT, Sonia. Formação de profissionais para a educação de jovens e adultos trabalhadores. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 30, p. 39-49, 1999.
- FANTINATO, M. C. C. B. *Identidade e sobrevivência no morro de São Carlos: representações quantitativas e espaciais entre jovens e adultos*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2003.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. RJ: Paz e Terra, 1985.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho, conhecimento, consciência e a educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos. In: GOMEZ, C. M et al. *Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 13-26.

SACRISTÁN, José Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 82-113.

SOUTO, Jane. Os outros lados do *funk* carioca. In: VIANNA, Hermano (Org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2003. p. 58-92.

RUMMERT, Sonia. *Princípios e especificidades a serem considerados numa proposta para a EJA*. Versão ampliada da palestra proferida na abertura do Primeiro Encontro Municipal da Educação de Jovens e Adultos do Município de Niterói, DATA.

UNESCO. *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. Paris, 2001. Disponível em: <www.unesco.org.br/programas/cultura/DiversidCultural.doc/>. Acesso em: 07 abr. 2004.

ANEXO 1: Relação dos Pólos – Curso de Extensão Universitária SME-RJ/PEJA/UFF – 2004

Turma	Locais	Endereços	Dinamizadores
1	CIAD	Av. Presidente Vargas, 1.997	Ana Maria Severiano
2	CIAD	Av. Presidente Vargas, 1.997	Sônia de Vargas/ Eugênia Monteiro/Jaqueline Ventura
3	5ª CRE – EM Barcelona	Rua Gustavo Martins, 67 – Irajá	Rosilene Almeida
4	8ª CRE – EM Henrique de Magalhães	Rua da Fábrica, 235 – Bangu	Silvina Fernandez
5	8ª CRE – CIEP Thomas Jefferson	Est. Do Engenho Novo, s/nº – Realengo	Vânia Morgado
6	1ª e 2ª CRÊS – CIEP Tancredo Neves	Rua do Catete, 77 – Catete	Marisa Sampaio
7	3ª CRE – EM Alagoas	Av. Suburbana, 6.742 – Pilares	Ana Paula de Moura
8	4ª CRE – EM Brasil	Rua André Azevedo, s/nº – Olaria	Énio Serra
9	5ª CRE – EM Barcelona	Rua Gustavo Martins, 67 – Irajá	Antonio Verissimo
10	6ª CRE – EM Narbal Fontes	Rua Aripuá, s/nº – Ricardo de Albuquerque	Tereza Renou
11	6ª CRE – EM Rose Klabin	Rua Reginópolis, 135 – Guadalupe	Iuruta Puertas
12	7ª CRE – EM Vitor Meireles	Rua Joaquim Inácio Filho, 29 – Taquara	Alessandra Nicodemos
13	7ª CRE – CIEP Lindolfo Collor	Estrada de Jacarepaguá, 5.011 – Rio das Pedras	Sérgio Turcatto
14	8ª CRE – CIEP Frei Velozo	Rua Franklin Távora, s/nº – Realengo	Luiza Lemos
15	8ª CRE – EM Rosa da Fonseca	Praça Mal. Hermes, 30 – Vila Militar	Silvina Fernandez
16	8ª CRE – EM Tasso Fragoso	Rua Mal. Marciano, s/nº – Padre Miguel	Lucília Aguiar
17	9ª CRE – CIEP Nelson Mandela	Praça Daniel Lames, s/nº – Centro – Campo Grande	Domingos Nobre
18	9ª CRE – CIEP Clementina de Jesus	Av. Alhambra, s/nº – Monteiro – Campo Grande	Vânia Morgado
19	10ª CRE – EM Ulisses Guimarães	Av. José Fernandes, s/nº – Alagados – Sepetiba	Gerson Tavares
20	10ª CRE – EM Marechal Pedro Cavalcanti	Rua Porto Firme, s/nº – Parque Estoril – Paciência	Cecília Castilho

ANEXO 2: Relação de Minicursos

1. Alfabetização, letramento, identidade e cultura na EJA

Professoras: Cecília Goulart, Andréa Berenblum, Inez Garcia, Marta Lima de Souza.

2. Proposta pedagógica para a EJA formulada por trabalhadores

Professoras: Léa Calvão, Sonia Rummert

3. Educação à distância: uma estratégia de proximidade

Professor: Francisco Lobo Neto.

4. Jogos teatrais na Educação

Professora: Raquel Vaserstein Gorayeb

5. Escola e meios de comunicação: silêncios, monólogos e diálogos

Professor: Artur Motta.

6. Por que tem de ser uma “MaTemática”?

Professor: Ilydio Pereira de Sá.

7. A importância da memória e das histórias de vida na Educação de Jovens e Adultos

Professor: Ramofly Bicalho dos Santos.

8. Formação do trabalhador com deficiência e o mundo do trabalho contemporâneo

Professora: Valdelúcia Alves da Costa.

9. Ensino de Ciências para EJA: repensando conteúdos e finalidades

Professora: Sandra Escovedo Selles.

10. Um olhar etnomatemático sobre a EJA

Professoras: Maria Cecília Fantinato, Alcilene Santos.

11. Jovens na Escola: desafios de compreensão e ação na EJA

Professores: Paulo Carrano, Denise Terra.

12. História e memória da EJA no Brasil, através dos materiais didáticos

Professor: Osmar Fávero.

13. A geografia na EJA: espaços e tempos do aluno trabalhador

Professor: Ênio Serra.

14. A compreensão histórica na EJA

Professores: Cláudia Alves.

15. Da educação como direito à educação como certificação: o trabalho e as políticas públicas de educação básica e profissional para jovens e adultos trabalhadores

Professora: Jaqueline Ventura.

16. Da correção de “erros” à análise das hipóteses ortográficas: alternativas de intervenção pedagógica

Professor: Domingos Barros Nobre.

17. A ciência como meio de leitura da natureza: uma “conversão do olhar”

Professora: Mônica Peregrino.